

# INDICADOR DE VANTAGEM COMPARATIVA DO COMÉRCIO INTERNACIONAL DE ALGUNS PRODUTOS DO AGRONEGÓCIO BRASILEIRO E PAULISTA

Alceu Veiga Filho<sup>1</sup>

## 1 - INTRODUÇÃO

A economia brasileira, apesar de estar entre as principais economias do mundo, tem baixa inserção no comércio mundial. Entre os motivos mais recentes pode-se creditar esse fato ao longo e penoso processo de transformação da estrutura econômica do País, iniciado em finais de 1980 e acelerado a partir do Plano Real, em 1994, já passando de uma década e com um quadro macroeconômico ainda instável e em transição.

A passagem do modelo fechado de economia, característico do processo de substituição de importações, para outro no qual se buscam estabelecer condições estruturais que permitam aumentar a competitividade e aproveitar as oportunidades do comércio ampliado, tem sofrido revezes internos e externos impeditivos do pleno desenvolvimento desse objetivo.

Entretanto, as incertezas criadas pela instabilidade do movimento financeiro mundial, pela expectativa de redução do crescimento do comércio entre países - causado por problemas no MERCOSUL, ou decorrentes do futuro da economia estadunidense - potencializadas pelo processo do ajuste fiscal brasileiro, não devem ser consideradas obstáculos intransponíveis ao propósito de se aumentar consideravelmente as exportações brasileiras no médio prazo.

Pelo menos do lado externo as possibilidades parecem um pouco mais próximas de serem alcançadas do que no passado recente. Por um lado, vê-se que a política externa brasileira, na questão das negociações nos fóruns internacionais, tem se mantido firme na condução dos interesses estratégicos nacionais, defendendo alterações no protecionismo dos setores agrícolas dos países desenvolvidos. Por outro lado, verificam-se avanços nas negociações sobre esse assunto no âmbito do MERCOSUL/UE, agora admi-

tido ser discutido e avaliado em termos de reduções tarifárias.

Dentro dessa perspectiva objetiva-se estimar um indicador que mostra possíveis vantagens/desvantagens das exportações de açúcar pelo Brasil e de alguns produtos exportados pela agroindústria nacional e pela agroindústria paulista (este último devendo ser interpretado com bastante cuidado, conforme argumentado adiante).

## 2 - INDICADOR DE VANTAGEM COMPARATIVA: conceito, forma e dados utilizados

Esse indicador tem origem na teoria das vantagens comparativas, de RICARDO (1982:101-12)<sup>2</sup>, um dos fundadores da escola inglesa da economia política clássica. Seu argumento principal está baseado nas diferenças de custos relativos existentes entre países, o que poderia levar à especialização na produção de certos bens e importação de outros. Na ausência de distorções para o comércio entre nações, mesmo se um dos países produzisse, em termos absolutos, bens mais baratos do que o outro país, sempre poderia haver comércio quando as eficiências relativas fossem diferentes, pois existem diferentes dotações de recursos e de uso econômico desses recursos.

O exemplo, tirado de SAMUELSON (1971:961-63)<sup>3</sup>, é bastante ilustrativo. Supondo dois países que produzem alimentos e vestuário. No país A uma unidade de alimento custa um dia de trabalho e uma unidade de vestuário custa dois dias de trabalho. No país B uma unidade de alimento custa três dias de trabalho e uma unidade de vestuário custa quatro dias de trabalho.

<sup>2</sup>RICARDO, D. *Princípios de economia política e tributação*. São Paulo: Abril, 1982. 286 p. (Série Os Economistas).

<sup>3</sup>SAMUELSON, P. A. *Introdução à análise econômica*. 7. ed. São Paulo: AGIR, 1971. v. 2.

<sup>1</sup>Economista, Mestre, Pesquisador Científico do Instituto de Economia Agrícola.

Mesmo que no primeiro país o custo de ambos os produtos seja mais barato, uma comparação mostra que o país A tem uma vantagem relativa na produção de alimento pois utiliza 1/3 (33%) de trabalho relativamente ao país B, e desvantagem na produção de vestuário, pois utiliza 2/4 (50%) de trabalho na produção de vestuário, ou seja, como 33% é menor que 50%, então sua produtividade é relativamente maior na produção de alimentos.

No primeiro país o vestuário custa o dobro do alimento (100% a mais) e no segundo país o vestuário custa apenas 4/3 do alimento (33% a mais), portanto numa condição de livre comércio os consumidores do país A se beneficiariam comprando vestuário do país B, e os consumidores do país B se beneficiariam comprando alimentos do país A.

A teoria das vantagens comparativas, muito freqüentemente foi utilizada de forma ideológica, para justificar a especialização de alguns países na produção de bens com baixo valor adicionado, como os produtos agrícolas, os quais contavam com vantagens da mão-de-obra e dos recursos naturais abundantes. Entretanto, é necessário ressaltar que as vantagens comparativas dependem da maior eficiência relativa, ou seja, está ligada à competitividade, no sentido de que um país tenha *“a médio e longo prazo a capacidade de sustentar e expandir sua participação no mercado internacional enquanto eleva, simultaneamente, o nível de vida da população... (o que é proporcionado principalmente pelo) progresso técnico”* (CARVALHO, 2001:128)<sup>4</sup>.

Balassa (1956), de acordo com NONNENBERG (1991)<sup>5</sup>, foi o primeiro autor a definir o conceito que deu origem ao indicador, ao considerar que as exportações revelam suas vantagens ao longo do tempo, criando formalmente o indicador de vantagem comparativa revelada. Desenvolvimentos metodológicos posteriores, com base no fluxo do comércio líquido, ou seja, exportações menos importações, passaram a ser adotados para demonstrar as vantagens do comércio externo como um todo, sendo portanto uma medida mais ampla. Assim, para diferenciar, o pri-

meiro indicador passaria a ser denominado como sendo indicador de vantagem relativa na exportação, conforme CARVALHO (2001)<sup>6</sup>.

A forma desse indicador é definida abaixo, conforme CARVALHO, 1997:19)<sup>7</sup>:

$$(I_{(x)P_i}) = \frac{\frac{X_i^p}{X_m^p}}{\frac{X_i^w}{X_m^w}}$$

Onde

$$\frac{X_i^p}{X_m^p}$$

é a participação das exportações do produto agrícola  $i$  ( $X_i$ ) sobre as exportações totais agrícolas ( $X_m$ ) do País ( $P_i$ ); e

$$\frac{X_i^w}{X_m^w}$$

é a participação das exportações mundiais do produto agrícola  $i$  ( $X_i$ ) sobre as exportações mundiais totais dos produtos agrícolas ( $X_m$ ).

A interpretação do indicador de vantagem comparativa de exportações - IVCE - é a seguinte: se o valor for maior que 1 o indicador mostra vantagens do produto relativamente aos outros países, e se for menor que 1, desvantagens.

Os dados de exportação do Brasil estão em dólar, FOB, sendo utilizada como fonte a Secretaria de Comércio Exterior (SECEX), do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior. Dados sobre o comércio mundial, em dólar, valor FOB, foram extraídos da Secretaria de Política Agrícola (SPA), do Ministério da Agricultura e Abastecimento, e a fonte Instituto de Economia Agrícola (IEA), da Secretaria de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo, foi utilizada para obter as informações sobre exportações agregadas por complexos agropecuários para o Brasil e São Paulo.

Assim, a estimativa de um indicador que meça as vantagens e desvantagens compa-

<sup>4</sup>CARVALHO, M. A. Políticas públicas e competitividade da agricultura. *Revista de Economia Política*, São Paulo, v. 21, n. 1, p. 117-140, jan./mar. 2001.

<sup>5</sup>NONNENBERG, M. J. B. **Vantagens comparativas reveladas, custo relativo de fatores e intensidade de recursos naturais**: resultados para o Brasil - 1980/88. Brasília: IPEA, abr. 1991. (Texto para Discussão, n. 214).

<sup>6</sup>Op. cit., nota 4.

<sup>7</sup>CARVALHO, F. M. A. de. A dinâmica agroexportadora brasileira: mudança estrutural, vantagem comparativa e fontes de crescimento. *Revista de Economia e Sociologia Rural*, Brasília, v. 35, n.1, p.9-44, jan./mar. 1997.

rativas do comércio externo pode ser uma ajuda complementar para o estabelecimento das estratégias das empresas e para a determinação das ações de políticas públicas.

### 3 - RESULTADOS: análise dos indicadores e algumas considerações

Na tabela 1 observa-se a participação relativa das exportações do açúcar na pauta de exportações do Brasil e a participação relativa do comércio externo de açúcar na pauta de comércio agrícola mundial. No caso do Brasil, essa parcela de mercado tem valor variando entre 5% e 10%, e no caso do mundo percebe-se uma certa estagnação. Por sua vez, o IVCE do açúcar exportado pelo Brasil mostra-se, ao longo do período, sempre vantajoso em todos os anos da série entre 1992 e 2000, embora não se verifique uma evolução crescente ao longo de todos os anos, pois cresce no início, até atingir um pico em 1995, caindo no ano seguinte, para em seguida começar a crescer novamente, por fim vindo a sofrer queda em 2000.

TABELA 1 - Parcelas de Mercado e Índice de Vantagem Comparativa da Exportação de Açúcar, Brasil e Mundo, Anos de 1992 a 2000 e Períodos de 1992-94, 1995-97 e 1998-00

Ano/período	Brasil	Mundo	IVCE
1992	0,0521	0,0279	1,87
1993	0,0633	0,0263	2,41
1994	0,0619	0,0258	2,40
1995	0,1040	0,0253	4,11
1996	0,0867	0,0277	3,13
1997	0,0854	0,0281	3,04
1998	0,1001	0,0276	3,63
1999	0,0928	0,0237	3,92
2000	0,0595	0,0232	2,56
1992-94	0,0595	0,0266	2,24
1995-97	0,0917	0,0271	3,38
1998-00	0,0838	0,0249	3,37

Fonte: Dados primários SECEX e SPA/MA ([www.agricultura.gov.br/spa](http://www.agricultura.gov.br/spa)).

Para suavizar a influência da sazonalidade anual das alterações em preços e em quantidades exportadas, calculou-se o indicador para períodos trienais. Nesse caso os valores do IVCE mostram-se crescentes, embora a grande queda na quantidade exportada em 2000, relativamente à 1999, de quase 50%, inclusive não compensa-

da pelos preços, acabou por determinar um valor no último triênio igual ao do triênio anterior (Tabela 1). Mesmo assim pode-se entender que o açúcar brasileiro tem componentes estruturais que lhe garantem grande competitividade frente ao produto dos outros países.

Esses resultados confirmam trabalho anterior de VEIGA FILHO (2000)<sup>8</sup> que estimou, através do modelo de parcelas de mercado, também conhecido como *constant market share*, os efeitos explicativos da evolução das exportações do açúcar brasileiro. No período estudado, que corresponde também aos anos da década de 1990, 89% das exportações do açúcar são explicadas pelo efeito-competição, este bastante influenciado pelos baixos custos de produção.

Em outra comparação feita, estimou-se o IVCE para os chamados complexos agropecuários, conceituando-os como sendo compostos de todos os produtos exportados das cadeias escolhidas, incluindo matéria-prima, produtos semiprocessados e produtos finais (Tabela 2).

TABELA 2 - Indicador de Vantagem Comparativa de Exportações Agrícolas Brasileiras e de Exportações Agrícolas do Estado de São Paulo, 1999 e 2000

Item	Brasil		São Paulo	
	1999	2000	1999	2000
Complexo carne bovina	1,02	1,07	2,22	2,73
Complexo café	4,89	3,49	2,97	2,71
Complexo cacau	0,24	0,23	0,11	0,16
Complexo açúcar	3,91	2,56	9,30	6,38
Complexo soja	3,33	3,54	0,93	0,97
Complexo carne de frango	2,12	1,90	0,13	0,15

Fonte: Dados primários IEA/SECRETARIA DE AGRICULTURA E ABASTECIMENTO DO ESTADO DE SÃO PAULO. **Balança comercial, Brasil e São Paulo, 1999-2000**. São Paulo: IEA, mar. 2000. No prelo e SPA/MA.

Nesse caso, para efeito de se verificar vantagens regionais, apenas a título ilustrativo, o cálculo dos indicadores de São Paulo foi feito considerando-o como se fosse um país<sup>9</sup>. O resultado mostra que o Brasil tem vantagens compa-

<sup>8</sup>VEIGA FILHO, A. de A. O dilema da "escolha de Sofia" nas exportações de açúcar pelo Brasil. **Informações Econômicas**, São Paulo, v. 30, n. 9, p. 53-59, set. 2000.

<sup>9</sup>Conforme se sabe, a teoria das vantagens comparativas tem por base a ausência de restrições ao comércio entre nações. Nesse sentido a estimativa desse indicador para São Paulo deve ser visto com muito cuidado e utilizado apenas para ilustração.

rativas maiores do que as de São Paulo nos produtos das cadeias de café, soja e frango, perdendo para os produtos dos complexos carne bovina e açúcar, sendo que este último obteve um indicador significativamente mais alto que todos os demais<sup>10</sup>.

Esses resultados confirmam a realidade óbvia, ou seja, nos produtos em que São Paulo tem menores indicadores é porque outras regiões do País desenvolveram mais as condições para exportar. Também reforçam a hipótese de que as diferenças podem estar associadas mais ao desempenho interno de cada cadeia produtiva,

---

<sup>10</sup>Deve-se, também, ter cuidado em interpretar os dados de exportação de São Paulo, pois embora a metodologia adotada pela SECEX identifique como sendo originado no local apenas os produtos que tenham passado por qualquer tipo de agregação de valor, não se pode evitar que ocorram meras transferências de produtos.

va, uma vez que enfrentam, de maneira geral, o mesmo "custo Brasil" no que diz respeito aos problemas existentes para exportar, derivados da legislação, da infra-estrutura portuária, da ausência de incentivos financeiros ou obrigações tributárias e de políticas de regulamentação postas em prática.

Assim, uma primeira, ainda que sumária lição que se pode extrair, é que obter as vantagens relativas de custos é um passo importante, mas a possibilidade de conseguir ganhos econômicos está condicionada à percepção estratégica de explorá-las.

Como conclusão final, os resultados mostram: a) que existem vantagens comparativas para vários produtos da agroindústria brasileira e b) que decorre a necessidade de haver sintonia entre as estratégias das empresas e as ações do governo, o que envolve estabelecimento de parcerias para se efetuarem escolhas e prioridades.